

# A violência psicológica na mulher sob a luz da psicanálise: um estudo de caso

## *Psychological violence in the light of psychoanalysis: case study*

---

*Esther de Sena Ferreira\**  
*Leonardo José Barreira Danziato\*\**

### **Resumo**

O presente artigo apresenta a discussão e os resultados de uma pesquisa sobre a questão da violência sobre a mulher, seus efeitos subjetivos, mas muito especialmente buscamos investigar os motivos que determinam com que algumas mulheres permaneçam em relações conjugais nas quais vivenciam a violência psicológica. A pesquisa ocorreu no Juizado de Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher de Fortaleza/CE no período de fevereiro a março de 2017, onde pudemos desenvolver estudos de casos, que nos permitiram discutir a amplitude do fenômeno da violência e seus desdobramentos. Neste estudo, apresentamos um dos casos desenvolvidos na pesquisa, intitulado “Ana”, para a partir dele desenvolvermos nossas proposições. Utilizamos das contribuições de Freud e Lacan a respeito da sexualidade feminina, feminilidade e a escolha do objeto amoroso na mulher. O estranhamento que nos convoca ao trabalho de pesquisa é a constatação de que ainda algumas mulheres permanecem nessas relações, onde vivenciam a violência por parte do parceiro, mesmo podendo lançar mão de mecanismos legais e assistenciais que dão suporte jurídico e psicológico a essas mulheres.

**Palavras-chave:** Violência doméstica contra a mulher. Feminilidade. Sexualidade feminina. Psicanálise.

### **Abstract**

*This article shows the discussion and results of a research on the question about the violence against women, its subjective effects, but especially we seek to investigate the reasons why some women remain in marital relationships in which they experience psychological violence. The research was executed in the Domestic and Family Violence Court of Fortaleza/CE, where we were able to develop case studies, which allowed us to discuss how great this behavior of violence is and its consequences. In this study, we present one of these case studies, named “Ana”, from which we develop*

---

\* Mestre em Psicologia pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (Unifor), Fortaleza, CE, Brasil. esthersf89@gmail.com

\*\* Doutor em Sociologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor titular de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Fortaleza (Unifor), Fortaleza, CE, Brasil. leonardodanziato@unifor.br

*our propositions. We use the contributions of Freud and Lacan regarding female sexuality, femininity and the choice of the loving object in women. The strangeness that motivates us to this research work is the confirmation that some women still remain in these relationships, where they experience violence on the part of the partner, even though they may have access to the use of legal and assistance mechanisms that provide legal and psychological support to these women.*

**Keywords:** *Domestic violence against women. Femininity. Female sexuality. Psychoanalysis.*

## 1. Introdução

A mulher está constantemente enfrentando desafios em relação à violência em suas várias versões, seja ela violência física, psicológica, sexual, moral ou patrimonial. De acordo com Ferreira (2010), a noção de violação contra a mulher vem ganhando forte repercussão nas políticas públicas devido ao preocupante nível do grau de agressões.

Partindo dessas questões, decidimos investigar exatamente um aspecto paradoxal desta situação, que diz respeito à manutenção desses relacionamentos por parte das mulheres que estão em situação de violência. Princípios nosso estudo, portanto, pelo seguinte problema: o que leva as mulheres a permanecerem nas relações nas quais vivenciam violência psicológica por parte do parceiro?

Um dos riscos dessa pesquisa seria cairmos na armadilha de um efeito de psicologismo, ou “psicanalismo”, justificando tal violência através de um academicismo ou teorização precipitada e preconceituosa, encontrando na mulher, por exemplo, traços de um masoquismo estrutural, tal como proposto por Freud (1924/2010) no texto *O problema econômico do masoquismo*. Não se trata de recusar diretamente tais proposições, mas de concebê-las como muito próprias ao dispositivo clínico psicanalítico. Por outro lado, também não nos interessa assumir um discurso no qual se vitimiza as mulheres e não se lança nenhuma interrogação sobre o fato de elas permanecerem neste ciclo.

O que nos surpreende é que, apesar da mudança de paradigma do contexto social diante da mulher e do feminino, assim como a postura discursiva e jurídica frente às conquistas sociais, políticas, como, por exemplo, a Lei Maria da Penha (11.340) – um mecanismo criado no intuito de coibir a violência doméstica e familiar contra a mulher –, permanece obscura a explicação do porque ainda há mulheres que decidem permanecer no relacionamento permeado pela violência.

Deparamo-nos com essa realidade, a partir dos dados alarmantes da Secretaria de Política para as Mulheres da Presidência da República do Brasil, que apresentaram no último balanço do ano de 2014, 52.957 denúncias de casos de violência contra a mulher, dos quais 16.846 (31,81%) são de mulheres que sofreram agressão psicológica. Considere-se que ainda existem mulheres em situação de violência e que não denunciaram ou não vieram a se manifestar contra essa condição.

No intuito de buscarmos dialogar com esses fenômenos sociais e estruturais clínicos, apresentaremos aqui a análise do estudo de caso intitulado “Ana”,

proveniente de uma pesquisa mais longa, para dialogarmos sobre as inúmeras possibilidades de articulação frente ao marco teórico eleito. Para tal intento, foram escolhidos alguns conceitos que serviram como sustentáculo para o discurso dessa mulher. A entrevistada nos despertou maior curiosidade por mostrar o seu posicionamento frente a sua situação de violência e a permanência na relação conjugal. Além disso, sua fala nos abriu um leque de possibilidades para discutirmos os efeitos subjetivos da violência psicológica.

Para chegarmos a uma compreensão dessas questões trabalharemos com conceitos psicanalíticos tais como: sexualidade feminina, feminilidade e a escolha do objeto amoroso na mulher. Nosso interesse é que possamos dizer algo sobre a manutenção desses vínculos ambivalentes.

A psicanálise nos legou contribuições importantes a respeito das eleições objetais, bem como a respeito do desenvolvimento sexual feminino, temas que servirão de sustentáculo para um diálogo mais amplo e compreensível sobre o posicionamento da mulher em relação à violência, sem, no entanto, incorrerem em um discurso engessado e linear.

## 2. A escolha do objeto amoroso para Freud

Iniciar falando sobre o amor nesta pesquisa é um dos nossos maiores desafios, porque nosso intento é identificarmos como se dá a escolha do objeto amoroso para mulher e os vínculos que a mantém em uma relação, em especial, nas quais há violência psicológica. Apesar de existirem diversos autores que, há tempos, se debruçam sobre essa temática, no intuito de sensibilizar e clarificar as suas insígnias elegemos Freud para com ele dialogar.

Para tal, devemos apontar alguns posicionamentos em sua obra, traçando algumas considerações sobre as pulsões e os caminhos da libido, a partir das quais o sujeito vai à busca de uma parceria amorosa.

Nesse sentido, é de central importância discutirmos sobre a primeira forma de satisfação da libido, pois é um ponto crucial para o fenômeno das relações pré-edípicas e as suas reverberações na vida sexual feminina. Diante disso, em seu texto *Sobre o narcisismo: uma introdução*, Freud (1914/2010) propõe algumas contribuições sobre a primeira forma de satisfação da libido. Para ele, há uma necessidade que algo seja adicionado ao autoerotismo, uma nova ação psíquica que venha a provocar o narcisismo. Portanto, nesta tenra fase do desenvolvimento os investimentos libidinais se fundam com a satisfação das ne-

cessidades vitais e em tese esse papel passa a ser desempenhado pela mãe levando-a a assumir o lugar de primeiro objeto de amor da menina/menino.

Seguindo o raciocínio, Freud (1923/2010) afirma ainda que o complexo de Édipo aparece como um fenômeno central do período sexual da primeira infância. Contudo, para a menina ocorre a polêmica troca objetal onde o genitor masculino assume esse papel. A garota gosta de considerar-se como aquilo que seu pai ama acima de tudo o mais, porém chega à ocasião em que tem de sofrer por parte desse uma dura punição e é atirada para fora de seu paraíso ingênuo; pela impossibilidade de acontecer, o “Édipo” deve se desintegrar. Diante disso, sobre as garotas, Freud apontou um fato:

[...] A forte dependência da mulher em relação ao pai é apenas herdeira de uma ligação à mãe igualmente forte e que essa fase anterior teve uma duração inesperada longa. A fase de ligação pré-edípica, assume na mulher uma importância bem maior do que no homem [...] (1931/2010, p. 375-379).

Sobre as relações pré-edípicas, Freud (1931/2010) esclarece que a relação com a mãe é particularmente intensa e apaixonada, esta relação é de fundamental importância à vida amorosa da menina no Édipo, especialmente quando ocorre a troca objetal do outro materno pelo pai. O segundo ponto é sobre a subestimação da relação da menina com a mãe. Freud (1931/2010) afirma ainda que em muitos casos o vínculo materno iria até os cinco anos de idade, cobrindo a maior parte do primeiro florescimento sexual. Ou seja, certo número de mulheres se detém na original ligação com a mãe e jamais se volta realmente para o homem.

A fase pré-edípica da mulher assume um papel considerável; nela estão contidas todas as fixações e repressões a que se faz remontar o surgimento das neuroses, abandonando a tese universal de que o complexo de Édipo seria o núcleo da neurose. Uma das importantes considerações que Freud (1931/2010) fez sobre a fase pré-edípica é que a mulher só alcança uma situação edípica positiva quando supera uma época anterior, ou seja, dominada pelo complexo de Édipo negativo. De fato, durante a fase de intensa ligação com a mãe o pai aparece pouco mais que um rival para a menina, mesmo sabendo que não chega ao nível de hostilidade que ocorre entre os meninos e o genitor paterno no Édipo.

Há, ainda, algumas outras percepções de Freud (1931/2010) em relação à ligação das mulheres com a mãe: uma delas é que a ligação com o outro materno pode apresentar de forma particularmente íntima uma relação com a histeria, o

que não nos deve causar estranhamento haja vista que tanto a histeria como a neurose estão entre características especiais da feminilidade e, para, além disso, a dependência da mãe irá apontar para o gérmen da paranoia posterior da mulher, ou seja, a fantasia de ser devorada por essa mãe. Portanto, esse medo corresponde a uma hostilidade que a criança desenvolve em relação à mãe, em consequência das diversas restrições na educação e fase corporal da criança.

Freud (1931/2010), em suma, denota que esses fatos são fundamentais no sentido de compreendermos o desenvolvimento sexual feminino, que será apontado mais a frente; e também de entendermos sobre a importância da fase pré-edípica e o complexo de Édipo para as escolhas objetais amorosas na vida adulta.

A busca pelo objeto e seus desdobramentos, portanto, mostra-se a partir da dinâmica na vida adulta, na qual o sujeito se empenha para encontrar objetos no intuito de relacionar-se amorosa e sexualmente – duas importantes correntes – e com isso estabelecer o amor objetal. Na verdade, estas observações buscam, de algum modo, compreender as relações do sujeito com o objeto, mas ressaltando que estas se dão de forma subjetiva respeitando o traço singular do sujeito. Freud (1914/2010) afirma ainda que as escolhas dos objetos serão feitas de acordo com dois modelos: um narcísico, e o outro, anaclítico ou de ligação. Uma pessoa pode vir a amar:

- (1) Em conformidade com o tipo narcisista:
  - (a) o que ela própria é (isto é, ela mesma),
  - (b) o que ela própria foi,
  - (c) o que ela própria gostaria de ser,
  - (d) de alguém que foi uma vez parte dela mesma.
  
- (2) Em conformidade com o tipo anaclítico (de ligação):
  - (a) a mulher que a alimenta,
  - (b) o homem que a protege.

Para Freud (1914/2010) existem diferenças fundamentais entre o sexo masculino e feminino na escolha objetal, apesar de não serem universais. O amor objetal completo do tipo de ligação é característico do indivíduo do sexo masculino e exibe acentuada supervalorização sexual com origem do narcisismo original da criança. O tipo feminino não ocorre dessa forma, pois com o início da puberdade e o amadurecimento dos órgãos sexuais femininos – em estado de latência até então – parece intensificar o narcisismo original desfavore-

recendo o desenvolvimento de uma verdadeira escolha objetal com a concomitante supervalorização sexual. Dessa forma, as mulheres bonitas, especialmente, desenvolvem um autocontentamento que compensam as restrições sociais impostas em suas escolhas objetais, ou seja, essas mulheres amam somente a elas mesmas comparando a intensidade do amor dos homens por elas, assim a necessidade não está em amar e sim em ser amada. Isso representa claramente a relação clássica das histéricas com neuróticos obsessivos.

Conforme Freud (1933/2010) se a menina permaneceu ligada ao pai no Édipo, é provável escolher um parceiro de acordo com o tipo paterno. Esse tipo de escolha poderia garantir um casamento feliz, ao menos por um tempo. No entanto, é imprescindível ressaltarmos que os processos decorrentes das escolhas objetais, por parte do sujeito, se dão de forma inconsciente, principalmente no que diz respeito à relação amorosa. É importante não reduzir o fenômeno do posicionamento da mulher na relação, pois há uma série de fatores envolvidos como o sócio-político, cultural e estrutural que contribuem de forma enriquecedora para a discussão.

### **3. Ana: uma mulher que busca o amor**

Apresentamos aqui a análise de um estudo de caso, com uma mulher, para apontarmos os principais resultados encontrados em nossa pesquisa. A coleta foi realizada no período de fevereiro a março de 2017 e, então, fizemos quatro entrevistas com Ana, optamos por chamá-la assim para proteger sua identidade, no Juizado de Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher de Fortaleza/CE. Detemo-nos a mulheres que estivessem em situação de violência psicológica por parte do parceiro e idade entre 18 e 60 anos.

Os encontros com Ana despertaram maior curiosidade por mostrarem o posicionamento da mulher em seus relacionamentos de formas distintas. Além disso, as falas nos abriram oportunidade para discutirmos os efeitos subjetivos da violência psicológica. É importante ressaltar que existem inúmeras possibilidades de articulação frente ao marco teórico eleito, contudo, foram escolhidos alguns conceitos que serviram como sustentáculo para a fala da mulher entrevistada.

Nas primeiras entrevistas, Ana mostrou-se bastante segura quanto à retirada das medidas protetivas – mecanismo que salvaguarda a mulher da pessoa que cometeu a violência; este inferido na Lei Maria da Penha 11.340, 7 de agosto de 2006 – a tal ponto que acabou retomando o relacionamento. Inicial-

mente, a entrevistada fez a denúncia, pois o parceiro cometia violência psicológica e física. Contou-nos que sofreu muito durante nove anos, pois descobriu que o companheiro a traía. Após tomar conhecimento da traição, Ana o colocou para fora de casa, mas essa primeira separação do casal não durou nem três meses. Em seguida, no segundo rompimento, Gerardo (o marido) saiu de casa e, no entanto, depois de um tempo eles se tornaram amantes.

No início das nossas entrevistas surgiram alguns pontos que atravessaram a história de vida de Ana, dentre eles elegemos três que são fundamentais para analisarmos sobre o caso, estes são: a entrevistada nos apontou que sua mãe, na época grávida, lhe entregou para seu avô e avó maternos para criarem-na. Este aparentava ser um homem respeitador, carinhoso, porém autoritário. Lembrou-se que ao contrário disso, o pai biológico era extremamente transgressor e mulherengo, violentava física e psicologicamente a esposa, mãe de Ana. Outro ponto que marcou sua vida foi a morte da avó e a conseqüente necessidade em estreitar o laço com a mãe biológica, anteriormente esse contato se dava de forma um pouco mais distante. O terceiro aspecto, e não menos importante, foi o discurso de Ana voltado para as relações extraconjugais na família, que, segundo ela, todas as mulheres já foram traídas por seus parceiros. Pensando na escolha de Ana, apontamos a seguinte fala: *“Meu pai sempre bebeu, casaram muito novos, quando ele conseguiu ter as coisas carro, casa e comércio, ele disse: ‘Chegou a hora de brincar’. Começou a se envolver com as mulheres, ir para festa e minha mãe...”*.

Um dos pontos mais instigantes da pesquisa foi quando Ana se deu conta da semelhança de personalidade entre o pai (biológico) e o marido. Ambos, ao se estabelecerem financeiramente, passaram a gastar muito dinheiro com mulheres e bebida e, por conseqüência, eram agressivos com as companheiras. Outro ponto interessante é que, eles colocaram suas esposas em situação de traição e violência, tanto psicológica quanto física e, tanto mãe quanto filha, permaneceram com seus parceiros neste cenário.

Partindo disso, no intuito de compreendermos a eleição do perfil amoroso de Ana, precisaremos nos ater às relações pré-edipianas para tentarmos buscar algumas explicações que levam as meninas ao objeto masculino, que pode ter por conseqüência uma eleição amorosa com o perfil paterno.

Como dissemos, Freud (1931/2010) considera que a forte dependência da mulher em relação ao pai é herdeira de uma ligação à mãe, ou seja, se por um lado a mãe é o primeiro objeto de amor para as crianças de ambos os sexos, por outro, no final do desenvolvimento, o pai deve tomar esse papel de novo objeto de amor.



Freud (1931/2010) acreditava, a partir das suas percepções na clínica, que a hostilidade da menina dirigida à mãe se deve ao seu complexo de castração, produtor de um sentimento de ameaça experimentado na infância, quando da constatação da diferença anatômica entre os sexos. Aparentemente, a mulher assumiria a castração e admitiria sua inferioridade e a superioridade masculina, experimentando também um sentimento inconsciente de revolta. Essa condição pode levar a três direções: a primeira é a insatisfação do clitóris e a renúncia da sexualidade; a segunda, a teimosia da auto-afirmação e a esperança de voltar a ter um pênis transforma-se em objetivo de vida, e, com isso, a fantasia de ser homem dura por longos períodos, podendo esse “complexo de masculinidade” resultar na escolha homossexual do objeto; a terceira pode se constituir em um caminho bastante sinuoso, pois nela se dá a configuração feminina normal de forma definitiva, em que se toma o pai como objeto e se alcança a forma feminina no complexo de Édipo, resultado final de um longo desenvolvimento.

Retornando à fase pré-edipiana, podemos ressaltar que a mãe nesse período assume um papel considerável para a mulher, Freud (1931/2010) abandona a tese universal de que o complexo de Édipo seria o núcleo da neurose, como apontamos anteriormente, e indica a dificuldade de mensurar essa primeira ligação com a mãe, por se tratar de uma tarefa delicada de se apreender analiticamente, bastante remota, sombria e difícil de ser vivenciada.

A transição de um objeto de amor para o outro, no caso da menina, ocorre da mãe para o pai. De forma análoga, ocorre simultaneamente na mulher a mudança na zona erógena, do clitóris para vagina. Quanto a isso, Freud (1910/2010) afirma:

A vida sexual da mulher geralmente se divide em duas fases, das quais a primeira tem caráter masculino; apenas a segunda é especificamente feminina.

No desenvolvimento feminino há, então, um processo de transição de uma fase para outra [...] (p. 376).

Por outro lado, já que a fase pré-edipiana tem uma importância bem maior para a mulher do que para o homem, podemos ter uma maior compreensão sobre a vida sexual feminina a partir da mudança de objeto no Édipo e, também, das escolhas objetivas na vida adulta. Em particular, ressaltamos que muitas mulheres escolhem o parceiro no modelo do pai, mas repetem, no casamento, a relação com a mãe.

Supomos que, quando a entrevistada se casa, ocorrerá uma reatualização das ligações afetivas do objeto e, com isso, a dependência passa a ser direcio-

nada ao marido. Ana afirma que há motivos para permanecer com o marido, mesmo sofrendo violência psicológica:

*“Necessidade! Separação é fácil para quem tem dinheiro, entendeu? Esses artistas vivem trocando de mulher, pois não precisam um do outro. Pobre não separa, só casa, não é verdade? Meu marido vai morar aonde? Eu vou morar aonde?”.*

O movimento feito por Ana é interessante, visto que, na última separação, ela passou três meses em casa sem o marido, e, mesmo com as dificuldades financeiras, declara que conseguiu assumir as despesas. Parece-nos que a necessidade de Ana se orienta mais à uma condição de existir: há um signo em ser casada, em ter um marido provedor, que vem desde as gerações mais antigas de sua família.

Podemos considerar que a escolha amorosa por diversas vias, porém nos interessou avaliar a partir da teoria freudiana do *penisneid*, ou seja, em que a mulher deseja ter algo que ela não tem, mas que seu parceiro possui. Se tentarmos olhar pela ótica do caso Ana, isso poderia se referir à condição de ser casada, que aparentemente somente o marido lhe pode dar. No texto *A feminilidade*, de 1933, Freud já falava em “inveja do pênis”, onde a garota atém-se por muito tempo ao desejo de adquirir o chamado “algo assim”.

Soler (2005) vai mais além e discorre sobre a “inveja do pênis” a partir da prevalência de um significante único, o falo. Retratando a questão do “ter ou não ter o pênis” a autora discorre ainda sobre a falta fálica que é o princípio dinâmico de toda libido, a partir do medo de perder o falo, mas também a vontade de sê-lo. Por conseguinte, o objeto de desejo passa a existir a partir dessa formulação.

Prosseguindo, a busca pelo próprio desejo advém da falta com que o sujeito castrado se depara no complexo de castração. Entretanto, isso não atesta que a via para se alcançar o objeto seja colocar-se no lugar de objeto para o Outro. A via dos próprios objetos acaba se perdendo por se acreditar que esse Outro é a fonte para se chegar à causação do próprio desejo. Com isso, a ideia de apropriação na relação acaba por se deparar com a perda de um sujeito e, ao que tudo indica, se esconde por trás do desejo do outro.

Ana afirma que hoje em dia não existe mais amor, e sim uma sujeição financeira ao marido, embora esteja recebendo uma pensão para a filha, tenha o seu próprio salário e receba ajuda financeira da família. Então, o que a leva ainda estar com ele? O que esse homem tem que a faz querer ficar? Partiremos da seguinte fala:

*[...] Eu preciso dele, ele precisa de mim. Não tem como a gente se separar por causa de fica dele, ele não tem amante, para mim traição é amante como ele teve, um fica to nem aí mais. Ele se encontrar com mulher, to nem aí. Eu não vou destruir minha família por causa de fica não.*

*[...] Ser uma boa mãe, dona de casa, como sou. Trabalho para ajudar ele, ele não banca a casa sozinho. Assim, é isso, né? Eu dependo dele, um depende do outro. Se ninguém precisasse um do outro não estaria junto.*

Percebemos que para Ana “existir” é necessário estar no relacionamento com o parceiro, pois somente por ser casada ela pode ser reconhecida como uma boa mãe, mulher e dona de casa. Responde assim, a um Ideal tradicional da mulher-mãe, o que não parece indicar algo do seu desejo, mas uma recusa deste. Diante disso, Cardoso (2016) afirma que a mulher se faz existir prestando ao fantasma do homem, ou seja, se coloca no lugar de objeto para esse outro na busca de dar conta do próprio fantasma. A mulher ocupa o lugar do fantasma masculino relacionado à satisfação sexual, causa do desejo denominado de objeto *a* que é a falta representada, aquilo que se perde nos objetos parciais com os quais nunca deixamos de nos relacionar, como no caso do bebê com o seio materno. Retornando à questão da relação amorosa – se colocar no lugar de objeto é o que a mulher luta para não ser com a sua fantasia. Ademais, ela assume um significante importante para o homem, pois ela dá o que não tem: o amor.

Mas, afinal, o que é o amor? A partir dessa ideia de objeto amoroso, Laurent (2000) apresenta em seu livro *As paixões do ser* uma releitura sobre os objetos da paixão, os quais Freud e Lacan discutiram anteriormente. O autor traz uma larga especulação a respeito das *paixões* e seus objetos, sugerindo que a paixão é uma das formas de dizer que não há ideia, não há representação.

Laurent (2000) aponta que há muito Lacan trabalha sobre o conceito de paixão em suas obras, o amor seria apenas mais de uma das formas, além do ódio e da ignorância. Ao discutir as paixões, ele indica duas vias: as paixões da alma e as paixões do ser. Então, tanto o amor como o ódio e a ignorância estariam em relação ao outro. Na verdade, ao falarmos em “paixões do ser”, estamos falando sobre o sujeito do inconsciente de que trata Lacan, uma falta-a-ser. Este, por sua condição, determina a paixão do ser, a paixão de buscar no outro aquilo que vai acalmar e preencher uma significação do ser, mesmo que seja um “falso-ser” instalado no fantasma.

Partindo disso, podemos observar que Ana fica em um movimento constante na busca de preencher esse vazio e, de certa forma, se manter na relação,

nem que seja pela via do ciúme. Um dos momentos que atesta isso, foi quando na entrevista ela informou que ao começar a conversar com outra pessoa, Gerardo teve um acesso de ciúmes:

*[...] Ele mudou quando percebeu que tava conversando com essa pessoa. Esse homem (marido) passou a se declarar para mim! Primeiro ele quebrou meu celular, por ciúme! Ele mudou completamente, o homem ta louco se declarando, dizendo que me ama.*

*[...] Ahhh, eu to gostando, estou me sentindo valorizada agora. Ele nunca sentiu ciúme, às vezes dele ligar para mim.*

Ana só consegue reconhecer o resgate desse amor por causa da violência, fato que aponta o retorno da relação. Ficou claro nas entrevistas que a relação se configura na sujeição de um, no caso Ana, e no controle do outro, Gerardo. Podemos observar aqui, a lógica de funcionamento do objeto no fantasma: o objeto *a* é restituído ao campo do Outro na função de expositor do desejo do Outro, ou melhor, o parceiro amoroso é o objeto reconstituído no corpo do outro sexual. Recuperá-lo no corpo do outro tem como preço o sacrifício do falo na relação sexual. Em outros termos, o sujeito masculino coloca em jogo o falo para livrar-se da questão e recuperar, desta forma, o significante identificador “ser um homem”. A fórmula do desejo do macho designa o lugar da mulher como sendo o do objeto *a* do fantasma (LAURENT, 2006, p. 2)

Em seu texto *A significação do falo*, Lacan (1958/1998) trata da experiência do desejo do Outro e suas implicações clínicas, em que a mulher rejeita sua feminilidade em prol de ser significante do desejo do outro, ou melhor, o falo. É pelo que ela não é que ela pretende ser desejada, ao mesmo tempo que amada. Mas ela encontra o significante de seu próprio desejo no corpo daquele a quem sua demanda de amor é endereçada. Não convém esquecer que, sem dúvida, o órgão que se reveste dessa função significante adquire um valor de fetiche (LACAN, 1958/1998, p. 701).

O último ponto indicado como fato importante na história de Ana está na repetição do padrão familiar: todas as mulheres são traídas e sofrem violência psicológica por parte do marido. A exemplo disto apontamos para sua narrativa:

*[...] Tem muitos casos na minha família. Mulheres traídas e muitas e muitas e muitas, infelizmente. Os homens continuam no poder, quanto mais mulher eles têm, mais poder. E a mulher? Vá trair... ela fica lá embaixo, a mulher não chegou a esse nível do homem.*

[...] A maioria. As duas irmãs da minha mãe. Uma mereceu a outra foi trocada, ela está com câncer e está sofrendo, não anda mais, ganhou nada com o sofrimento. Eu sofri, mas não tenho sequelas, como a minha mãe. Ela sofreu tanto com meu pai, toma remédio controlado, tem depressão. Não consegui se libertar, tomar remédio por causa de homem. Sofri um ano de amor, três de violência, mas eu consegui me libertar, fui para igreja.

É perceptível que há um comportamento repetitivo no padrão de escolha do parceiro, no qual a traição é uma das lacunas que direcionam para a violência. Outro ponto é a negação dessas mulheres em relação à condição de sofrimento, o que faz com que elas queiram permanecer na relação como uma forma de se significarem enquanto mulheres. Na fala de Ana, as mulheres de sua família acreditam que a violência disferida é apenas prova de amor e o ciúme prova isso, ou seja, se o homem bate ou fala palavras esdrúxulas, é porque ama. Vemos que nesses casos há uma comprovação da tese freudiana da fantasia feminina “*Batem numa criança*” (FREUD, 1919/2010), onde o bater equivale ao amor. A entrevistada acha que suas familiares procuraram o sofrimento e mereceram isso, diferentemente dela, que o ato de Gerardo, sim, representa ciúme.

Apesar de Ana assumir que passa por situação de agressão verbal há anos, a mesma não vê isso como grave problema; pelo contrário, diz que há casais onde existe agressão física, onde ficam marcas visíveis: isso é violência. Ou seja, ela reproduz a escolha objetal das mulheres de sua família, mas nega essa repetição.

Para tentarmos esclarecer essa experiência de repetição na história de Ana é necessário nos voltarmos para a leitura de Freud (1920/2010), em particular à sua obra *Além do princípio do prazer*, onde ele aponta para a relação estabelecida entre a repetição, a pulsão de morte e o princípio do prazer. Para tanto, o autor aponta em suas análises as observações ao seu neto de 18 meses no jogo “*Fort-da*”, no qual é retomada uma articulação com a pulsão de morte.

Freud (1920/2010) afirma ainda que essa brincadeira, com um peão que vai e volta, seria uma forma da criança superar a ausência materna, tomando uma posição ativa e prazerosa, diante de uma situação traumática e apassivante.

Segundo Mauro e Bergel (2015), a repetição é um aspecto indispensável para a constituição psíquica, visto que é a partir de um ambiente previsível e organizador que se repete, dia após dia, que a confiança inicial da criança vai se manifestando e desenvolvendo, vinculando-se à pulsão de vida. O problema é quando ocorre a chamada compulsão à repetição mortífera, atrelada à para-

doxal satisfação da pulsão de morte com situações desprazerosas e sofridas. Isso que Lacan viria a denominar, posteriormente, de campo do gozo.

Ana parece estar aprisionada numa repetição que não favorece o princípio do prazer, pois ela se separa do parceiro por conta da violência sofrida, mas sempre oferece a Gerardo a oportunidade de retorno ao lar, tanto que ela traz a seguinte narrativa quando se sente ameaçada: “[...] *Quando ele fala com alguma alteração, eu digo: - Ahh, vai começar? Amanhã eu vou na delegacia da mulher*”.

Quanto a esse movimento de repetição que percebemos em Ana, podemos citar um apontamento de Freud (1920/2010):

As manifestações de uma compulsão à repetição (que descrevemos como ocorrendo nas primeiras atividades da vida mental infantil, bem como entre os eventos do tratamento psicanalítico) apresentam em alto grau um caráter instintual e, quando atuam em oposição ao princípio de prazer, dão a aparência de alguma força “demoníaca” em ação. No caso da brincadeira, parece que percebemos que as crianças repetem experiências desagradáveis pela razão adicional de poderem dominar uma impressão poderosa muito mais completamente de modo ativo do que poderiam fazê-lo simplesmente experimentando-a de modo passivo (p. 181).

Ana, portanto, repete situações desprazerosas, que resultam em dor, e, de certa forma, demonstra dificuldade em elaborar a situação traumática que vivencia. Esta observação nos leva a constatar, com cuidado, traços masoquistas em torno dessa relação, já que há uma repetição da dor.

O masoquismo surge pela primeira vez para Freud em seu texto *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade* de 1905. Aqui ele o descreve como uma das formas de perversão na qual há o desejo de infligir dor no objeto sexual e seu inverso – originalmente assim denominado pelo psiquiatra Krafft-Ebing. E o define fundamentalmente como qualquer atitude passiva em relação à vida sexual e ao objeto sexual, sendo seu caso extremo aquele em que a satisfação se condiciona ao padecimento de dor física ou psíquica nas mãos do objeto sexual (FREUD, 1905/2010).

Outra contribuição de Freud (1919/2010) para o assunto foi o texto *Uma criança é espancada: uma contribuição ao estudo da origem das perversões sexuais*, no qual ele relata que, na fantasia da “criança espancada”, provavelmente advinda por acidente na primeira infância, pode ser considerada um traço primário e estrutural de perversão. Contudo, uma perversão infantil dessa natu-

reza não é postergada para toda a vida. Ela se submete à repressão, é substituída por formação reativa ou se transforma por meio de sublimação.

Diante disso, no tocante às fantasias de espancamento em meninas, apresenta-se, em sua primeira fase, em um período primitivo na infância, ou seja, não há apontamentos claros a respeito desse período, porém, é comum nos depararmos, em ambas as crianças, com a fantasia de espancamento do irmão ou da irmã. Em determinada fase, se pensarmos em um âmbito clínico, na construção própria da análise a garota pode vir a fazer alusão ao agressor, na figura do genitor paterno, e, por consequência, toma a posição de agredida. Então, as fantasias da menina apresentam-se com alto grau de prazer, permitindo, assim, apontar para um conteúdo significativo, evidentemente masoquista – em seu sentido estrutural e não como perversão.

De forma clara, o que na realidade Freud (1919/2010) quis dizer é que o amor sexual destinado a esse pai, por meio da fantasia de “ser espancada”, recebe grande punição; a fantasia mostra-se aqui como um mecanismo de defesa do inconsciente, sendo substituta dessa relação primeva, indicando que a passividade seria mais visível no campo feminino.

Quanto mais sofre violência do parceiro, mais Ana acredita que ele está com ciúme e, de certo modo, também acredita que está no controle. Inclusive, durante as próprias entrevistas, Gerardo ligava para confirmar onde e com quem ela estava. Ela atendia prontamente e insistia para que falássemos com o marido ao telefone, como uma forma de confirmar que ela não estava mentindo. Em todos os momentos, percebemos algum nível de satisfação na fala de Ana sobre os comportamentos violentos do companheiro. Como ilustração disso, ela nos relatou o seguinte episódio, no qual a perda material não teve a menor importância, e assume a culpa pelo ato do marido:

*Ele mudou quando percebeu que tava conversando com essa pessoa, esse homem passou a se declarar para mim! Primeiro ele quebrou meu celular, por ciúme! Ele mudou completamente, o homem tá louco se declarando, dizendo que me ama.*

*[...] Porque eu tava conversando com essa pessoa, porque antes não existia isso esse ciúme. Toda vida que eu saia querendo saber onde eu tava, eu dei motivo.*

Diante disso, percebemos que Ana aceita a punição por ter feito algo que na concepção dela está errado, mesmo sabendo que foi ele quem a traiu e a violentou. Freud (1924/2010), ao falar sobre o masoquismo – do ponto de vista econômico – retrata o quão enigmática é esta tendência na vida pulsional do

sujeito. O princípio do prazer rege os processos psíquicos na evitação do desprazer; em contrapartida, o masoquismo tem como próprio objetivo o desprazer e a dor. Contudo, entende-se essas tendências masoquistas como riscos ao princípio do prazer que salvagam a vida. Porém, para se chegar a isso, foi necessário compreender as relações deste princípio com as duas importantes classes de pulsões: de morte e os sexuais.

Freud (1923/2010) distingue as classes de instintos de modo que os sexuais, ou *Eros*, compreendem não apenas o próprio instinto sexual desinibido e os impulsos sexuais sublimados, mas o “instinto de autoconservação”. Já o instinto de morte se volta para o mundo externo manifestando-se, assim, como instinto de destruição. Portanto, o masoquismo surge como grande ameaça, pois, se o princípio do prazer e o princípio de nirvana, que estão a serviço das duas classes de instinto, de certo modo salvagam a vida, a tendência masoquista a coloca em risco.

Quanto às formas de masoquismo, podemos distingui-los em três: erógeno, feminino e moral. No primeiro, é possível identificarmos prazer na dor algo que também compõe o alicerce dos outros tipos. Segundo Freud (1924/2010), o masoquismo erógeno partilha de todas as fases da libido, ou seja, o medo de ser devorado pelo pai precede a organização oral primitiva, bem como o desejo de ser surrado precede a fase sádico-anal; a própria castração é introduzida nos conteúdos masoquistas como precipitado do estágio fálico.

A segunda forma de masoquismo – uma das mais importantes para o presente capítulo –, o masoquismo feminino, tem como semelhante o masoquismo primário, erógeno: o prazer na dor. Já no masoquismo moral, o que realmente irá importar é o sofrimento em si, não havendo distinção se infligido por um desconhecido ou pela pessoa amada, exemplificado pelo instinto de destruição voltado para dentro.

Nesse intento, Freud mostra que o conteúdo manifesto das fantasias masoquistas surge na forma de amordaçamento, humilhação, obrigação à obediência e outras. O que ocorre, na verdade, é o desejo de ser tratado como outro completo, mas, em particular, como uma criancinha mal comportada. A asunção de posicionamento masoquista implica para o indivíduo, seja homem ou mulher, estar em uma situação com características femininas, o que leva à fantasia de ser castrado, copulado, dar à luz um bebê.

Por causa disso chamei de feminina essa forma de masoquismo, como que a potiori pelos traços mais importantes, embora muitos dos seus elementos apontem para vida infantil e do feminino, mais adiante, uma explicação simples. A castração ou



enceguecimento, deixa frequentemente as fantasias a sua pista negativa, na condição de que não podem sofrer dano justamente os genitais ou os olhos (FREUD, 1924/2010, p. 189).

Ana, em toda sua história, mostra traços da castração presente, em que a lei se faz presente nas regras do avô, por quem, segundo ela, foi criada nas “rédeas curtas”, obediente e casta; uma verdadeira moça tradicional de família. Quando assume o papel de uma mulher de família, mesmo que o preço seja a violência e a traição, ela está apenas reatualizando o papel que jogava anteriormente. A angústia em perder uma estrutura familiar ideal é muito maior do que se perder enquanto sujeito.

O estudo sobre o masoquismo nos leva a um campo ainda obscuro na época em que Freud escreveu o texto, pois a ideia do autor foi tentar introduzir aos leitores essa teoria. Para isso, em 1933, na obra *Feminilidade*, Freud questiona sobre a distinção psicológica entre o “masculino” e o “feminino”, em que o primeiro geralmente se atrela à ideia de “ativo” e o segundo à de “passivo”. Nesse sentido, pensar na feminilidade como característica de metas passivas leva à hipótese da mulher, na sua função sexual, que possua condutas e metas passivas que se estendam através de sua vida. Sobre isso, Freud afirma:

A supressão da agressividade, prescrita constitucionalmente e imposta socialmente à mulher, favorece o desenvolvimento de fortes impulsos masoquistas, que, como sabemos, têm êxito em ligar-se eroticamente a inclinações destrutivas voltadas para dentro. De modo que o masoquismo é, como se diz, realmente feminino (FREUD, 1933/2010, p. 268).

A propósito, não se deve incorrer no erro de afirmar que o feminino corresponde à mulher, já que se trata de um posicionamento com relação ao falo e ao gozo do corpo. Além do mais, os homens podem apresentar traços femininos, geralmente percebidos quando se encontra o masoquismo no sexo masculino.

No entanto, Lacan (1960/1998) no texto *Diretrizes para um congresso sobre sexualidade feminina*, aponta para um importante questionamento em torno do masoquismo na mulher. Ele questiona se a perversão masoquista deve à invenção masculina, afinal, se o masoquismo da mulher é uma fantasia que advém do desejo do homem. Aponta-se que a mulher se reveste do véu masoquista no intuito de render este homem à sua fantasia. Porém, não podemos incorrer no erro de que uma mulher, ao assumir o lugar do objeto *a*, automaticamente estaria incorrendo no posicionamento masoquista. É necessário nos

aprofundarmos em outras teorias que apontam para questão do posicionamento feminino.

A Posição feminina não designa diretamente o que chamamos de posição subjetiva. Refere-se antes de tudo um lugar no par sexual, no qual é o outro, o homem que é o sujeito do desejo. A insistência de Freud em destacar ligação da fantasia masoquista com o desejo edipiano, a identificação fortemente marcada entre o outro que bate e o pai - mesmo quando, na imaginação consciente do sujeito é a mãe - tudo isso indica com clareza que ele explora aí as versões do par sexual (SOLER, 2005, p. 59).

Quer dizer, por mais que possamos encontrar traços do que Freud denomina “masoquismo feminino” em Ana, não podemos imputá-la a uma condição estrutural da mulher, mas, no máximo, apontamos que existem traços de histeria presentes de forma clara em seu discurso e posicionamento.

## Conclusão

Inúmeros desafios surgiram com a nossa escuta nas entrevistas, em especial por não se tratar de caso clínico e sim de um estudo de caso. Diversas indagações surgiram sobre a permanência em uma relação que é perpetuada pela violência e que automaticamente as impele a arquivarem as medidas protetivas.

Nesse sentido, apresentamos teoricamente alguns conceitos psicanalíticos que serviram de sustentáculo às articulações dos casos dentre eles: a feminilidade, muito especialmente sobre as relações pré-edípicas e o Édipo. Esses aportes teóricos serviram de base para nortear alguns apontamentos e interpretações sugeridas pela leitura que fizemos do caso.

Com isso, analisando o estudo de caso Ana, percebemos que o posicionamento na parceria amorosa indica para alguns traços masoquistas, porém, devemos ressaltar que não a estamos imputando a uma condição estrutural, mas a uma posição feminina frente às diversas e multivariadas questões que perpetuam o seu contexto. Por outro lado, também não podemos negar que há um sujeito, e que a relação inconsciente que Ana estabelece com o parceiro nos deixa margens para pensarmos como a psicanálise compreende clinicamente esse vínculo.

No caso das relações primárias de Ana com seus genitores, especialmente a relação com a mãe, percebemos que ela estabelece uma relação de dependên-

cia com sua mãe e que quando se casa, repete a mesma relação com o marido, mesmo que o perfil do eleito se assemelhe ao do pai.

Outro ponto importante na história de Ana, como vimos, é que a grande maioria das mulheres de sua família são traídas e sofrem violência dos maridos. Fazem suas escolhas seguindo sempre um padrão de homem: eles bebem, traem e as violentam, e, mesmo assim, elas se decidem por permanecer na relação, já que se trata de uma família onde as mulheres são obedientes e devem permanecer casadas.

Ressaltamos ainda, a partir dessas análises, que a construção do caso apresentado neste estudo abre possibilidades de discutirmos sobre a psicanálise em diversos espaços, em especial com as práticas jurídicas que trazem hoje uma forte discussão sobre o posicionamento da mulher na sociedade contemporânea. Um dos principais impactos da pesquisa foi apontar a percepção da mulher dentro do relacionamento onde há violência, tirando-a de uma condição de vítima e a posicionado enquanto sujeito do desejo frente à relação.

É importante ressaltarmos que a condição de mulher na sociedade faz parte de uma construção social; e que, o feminino para psicanálise, não está ligado à questão de gênero, mas a posição do sujeito no campo da sexualidade.

Existe uma aposta de inversão dos papéis, ou seja, a mulher que antes coabitava numa esfera doméstica passa a assumir e adentrar os espaços públicos, dentre eles: as políticas, na educação, âmbito militar e também o alcance de cargos de gestão no mercado de trabalho. Apesar das práticas jurídicas terem mecanismos para dar suporte às mulheres garantindo-as direitos civis, a psicanálise as convoca, nesse estudo, para uma posição de inquietação enquanto sujeitos de escolhas; apostando, assim, nas múltiplas possibilidades das posições frente ao relacionamento.

### **Tramitação**

Recebido em 08/09/2018

Aprovado em 02/02/2019

### **Referências**

CARDOSO, J. As personagens femininas em *Dorotéia*, peça de Nelson Rodrigues. *MOARA - Revista Eletrônica do Programa de Pós-Graduação em Letras*, v. 2, n. 20, p. 147-155, 2016.

- FREUD, S. (1905). *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 6).
- \_\_\_\_\_. (1914). *Introdução ao narcisismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 12).
- \_\_\_\_\_. (1919). “*Batem numa criança*”: contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 14).
- \_\_\_\_\_. (1920). *Além do princípio do prazer*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras Completas, 14).
- \_\_\_\_\_. (1924). *A dissolução do complexo de Édipo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 16).
- \_\_\_\_\_. (1931). *Sobre a sexualidade feminina*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 18).
- \_\_\_\_\_. (1933). *Feminilidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. (Obras completas, 18).
- LACAN, J. (1958). A significação do falo. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. (1960). Diretrizes para um congresso sobre a sexualidade feminina. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- \_\_\_\_\_. Observação sobre o relatório de Daniel Lagache: psicanálise e estrutura de personalidade. In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- LAURENT, D. O sujeito e seus parceiros libidinais: do fantasma ao sinthoma. *Revista eletrônica do núcleo Sephora*, Rio de Janeiro, ano1, n. 2, mai.-out., 2006.
- LAURENT, E. *As paixões do ser*. Salvador: Instituto de Psicanálise da Bahia & Escola Brasileira de Psicanálise, 2000.
- MAURO, A. del. *Compulsão à repetição: aliada da pulsão de morte (e) ou da simbolização?*. 2015. Dissertação (Mestrado). Instituto de Terapias Integradas de Porto Alegre, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. 2015.
- SOLER, C. *O que Lacan dizia das mulheres*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.